



I SEMINÁRIO ACADÊMICO EDUCAÇÃO E REFLEXÃO SOBRE AS PRÁTICAS



TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO INFANTIL: RISCOS E BENEFÍCIOS

Autor(a)¹: BARROS, Daniela da Silva
Coautor(a)²: CAMINHA, Silvia Helena Campêlo

RESUMO

O trabalho de tema: Tecnologia e Educação Infantil: Riscos e Benefícios, aborda relações de educação e convivência de crianças ao encontro com o novo, analisando benefícios e prejuízos de uso das tecnologias. Com base em teóricos como; Berlato (2016), Tomás (2017), Cruz (2018), Fernandes (2018) entre outros, estuda-se o tema cada vez imerso no cotidiano escolar (FARIA; COSTA; NETO, 2018), cujo cenário caótico se estabelece de maneira que a o mundo subjetivo fica a desejar, apresentando dificuldades de relações na educação. Temas como; adolescência, fadiga, isolamento, déficits de atenção entre outros, são algumas questões que favorecem a discussão. Diante da promoção de modelos de educação, todo espaço requer formar gerações levando a perceber o professor como mediador de conhecimento onde a escola, apesar de limitada, mereça estabelecer relações, recursos e ações didáticas motivadoras no pleno processo de inserção midiática. Finaliza-se sob a proposta de que pais e educadores se atualizem como suporte de aprender e ensinar em conjunto com modelos vigentes, quebrando obstáculos de conhecimento, interação e convivência.

Palavra-chave: Educação. Infância. Tecnologia. Saúde.

INTRODUÇÃO

Passou o tempo em que as brincadeiras de antigamente tinham relações apenas culturais e na separação de convivências entre crianças e adultos. Muitas dessas atividades

¹Graduado(a) em Pedagogia pela Faculdade Cearense – FAC. E-mail: barrosdaniela05@gmail.com

²Graduado(a) em Pedagogia pela Universidade Vale do Acaraú – UVA. E-mail: shcampelo@yahoo.com

lúdicas, tais como; brincar de boneca, futebol, pique-esconde, amarelinha entre outras, perderam espaços para o cenário de jogos e passatempos da era eletrônica. Segundo as pesquisas quanto ao uso de recursos e aparelhos digitais e de rede social, ocuparam grande lugar no cotidiano de crianças, adolescentes e também de adultos, nada comparados as relações do ato de brincar e se relacionar da atual sociedade, comparando-se às brincadeiras tradicionais [...]”. (SILVA; BORTOLOZZI; MILANI, 2019).

Toda a sociedade moderna necessitou adaptar-se a um novo estilo de vida corriqueira e imediatista, mediante a disseminação e da velocidade de informações ao longo dos últimos anos, vindo influenciar comportamentos e hábitos familiares e sociais, sem falar na reviravolta do modelo de comunicação virtual. Com isso, a chegada avassaladora de inúmeras possibilidades, nos fez deparar-se com dilemas e conflitos presentes na educação básica ultrapassando os conceitos da escola tradicional.

Primando pelos resultados do estudo, a Associação Brasileira de Pediatria (2019), alerta aos pais em acompanhar essa empreitada e no tempo de uso destes recursos, evitando dispersões e falta de compromisso com as atividades comuns do aluno e seus responsáveis para tal. Com isso, tal estudo consiste no objetivo de analisar implicações do uso de tecnologias por crianças menores, buscando prever resultados que venham auxiliar no desenvolvimento de estratégias assertivas por profissionais de educação e saúde junto aos pais, diminuindo a frequência de uso dos recursos tecnológicos pelas crianças e adolescentes, desde que passe ser um hábito prejudicial.

Nessa premissa, é possível observar que boa parte da nova geração tenha se tornado “escravo” destes meios de “entretenimento” e conhecimento. No tempo da Era do Digital, *smartphones*, *tablets*, *ultrabooks*, dentre tantos outros recursos, passam ser os principais meios de alocação e disputam espaço com as relações tradicionais de conhecimento e diversão, fazendo parte do nosso contexto social de uma maneira rápida e natural.

Nesse interim, pais, e professores despreparados pedagogicamente, muitas vezes não sabem lidar com essas tecnologias, o que sugere mais capacitação por parte de profissionais do ramo. Para tanto, acolher a criança na escola está atrelada à convicção de que ela chega com uma bagagem tecnológica muito maior do que imaginamos e que sua postura, diante do que fora planejado pelo educador, cai por terra.

Em muitos espaços de educação, ainda se observam meios e recursos um tanto minimalista ou como um mero meio de entretenimento, limitando a real necessidade do uso

dessas ferramentas pelo trabalho do professor. Sabe-se que tais recursos digitais de brincadeiras, jogos e plataformas de ensino, podem ser grandes aliados na aprendizagem dessas crianças “digitais” e que sua consolidação se dá pela afinidade e facilidade destes saberem usar e descobrir suas habilidades nesse território digital.

Contudo, tal estudo visa fornecer conhecimento por meio de dados ao que parece pouco explorado pelo público docente e somado à desinformação de muitos profissionais, geram obstáculos na ponte aluno e professor, num suposto medo de que a posição tradicional da escola seja atingida e alterada, e contudo gerando certa resistência diante o uso dos novos meios tecnológicos, dando a impressão de que a escola se separa de modo nítido da aprendizagem e do prazer.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E OS TEMPOS REMOTOS

Tecnologia, criança e adolescente se tornaram grandes parceiros uma vez que inseridas desde cedo no meio digital, passaram ser protagonistas desses modelos de acesso à educação em grande parte do dia-a-dia desses pequenos (FARIA; COSTA; NETO, 2018). A vida em família, os encontros casuais, as brincadeiras e o diálogo, estão fadados na plataforma digital de uma vida passageira e rapidamente “cancelada” por ocasiões de vínculos fragilizados onde no contexto da interação e do diálogo, não se fazem tão presentes. (FERNANDES; EISESTEIN; SILVA, 2018).

Com base em alguns dos teóricos citados neste artigo e mediante a fala de Santos et al. (2020a), “avanços tecnológicos favorecem a sociedade atual”. Porém, o uso exacerbado, por muitas horas ou seja, em excesso e na forma da qual as crianças se apropriam, passou ser alvo de grandes debates e discussões, visto que preocupantes indícios de riscos à saúde associados ao baixo desenvolvimento das crianças, por conseguinte, expostas a uma determinada parcela da sociedade adulta do outro lado da “tela”, trazem questionamentos significativos para a integridade destas.

Cuban, por sua vez, relata boa parte dos profissionais da educação negligenciam seus saberes tecnológicos e não demonstram interesse em se atualizar tecnologicamente. Diante disso, tais dispositivos e seus grandes poderes de relações sociais, põe em discussão tais benefícios ou suas limitações para tal. Buckingham (2010) acrescenta:

[...] O problema, ele argumenta, não é que os professores sejam inflexíveis, mas que a grande maioria das reformas educacionais – inclusive as dirigidas pela tecnologia – são implementadas sem o envolvimento ativo dos próprios

professores. Uma reforma educacional duradoura, segundo Cuban, deve envolver os professores como agentes de liderança, não só como consumidores ou distribuidores de planos vindos de outro lugar... (BUCKINGHAM, 2010, p. 41).

E nessa fala, o autor menciona tal liderança de decisões, quando professores estão cientes de que escola e sociedade pode ser atingida pela sobrecarga de mídias digitais, arrastando o saber da infância contemporânea, influenciada pela tecnologia cega, por assim levantando discussões com base em relatos de profissionais efetivamente inseridos no espaço educacional e suas limitações didáticas.

Dentre as tantas gerações que já faziam uso de telas, as crianças do século XXI têm sido denominadas “nativas digitais”. A partir do momento em que nascem, já estão indiretamente expostas a uma cultura encharcada pelas tecnologias e durante o desenvolvimento da criança, desde os primeiros meses de vida, as telas se fazem cada vez mais presentes, sendo inseridas pelos pais e tornando-se indispensáveis na constituição do “novo brincar”. (TOMÁS; CARVALHO, 2019).

RESULTADOS

Diante do estudo, vimos considerar que toda fase de aprendizagem tenha sua importância e que o desenvolvimento cerebral, cognitivo e mental de crianças e adolescentes, esteja sendo acelerado pela massa da informação rápida e perecível do mundo moderno, ou seja, tudo aquilo que se aprende e logo é trocado por novas tendências tecnológicas, por assim dizer, todo aquele saber que necessita de fontes naturais de estímulos, como troca de olhares, carinho e interação direta com os pais.

A criança que permanece boa parte de seu tempo imersa no mundo virtual, desenvolve certas habilidades, tanto quanto algumas dificuldades de sociabilidade e relacionamento com outras crianças. Cruz (2018), relata visível e crescente dificuldade das crianças de gerações atuais em conviverem grupos, brincar e interagir com seus semelhantes, quando estas preferem entreter-se com telas ao invés de compartilhar momentos com pessoas. Com isso, surgem alguns comportamentos e complicações além da dificuldade de socialização como distúrbio do sono, agressividade, ansiedade, má alimentação e dificuldade de concentração, o que podem comprometer o desenvolvimento cognitivo. (CÂMARA *et al.*, 2020). Nessa premissa, revela-se que o contato de crianças com eletrônicos até pode favorecer o desenvolvimento no aspecto da comunicação rápida e lógica, porém, essa mesma linguagem tem as afastadas de livros e atividades regulares tradicionais do ensino básico.

Portanto, jogos e brincadeira, mesmo por meio de aplicativos e dispositivos educacionais são capazes de desenvolver habilidades percussoras para alfabetização e para o aumento do vocabulário, mas merecem atenção e zelo quanto sua utilização e tempo de uso.

Arantes e Moraes (2021), discorrem e discutem sobre relação e o uso de tecnologia precoce, no que diz respeito a benefícios, afirmando que crianças ainda não conseguem diferenciar ficção de realidade, levando-as agir de maneira concisa e metódica, perante as consequências da construção do ser e suas regras de boa convivência, o que diverge do mundo da competição virtual de hoje.

Entre alguns malefícios trazidos à infância, tais como; desconcentração, fadiga, ansiedade e hiperatividade social, o excesso do uso de recursos digitais pode levar a prejuízos na adolescência e na vida adulta, desencadeando doenças, déficit na visão, dores nas costas, hiperatividade, dificuldade de foco e aprendizagem e também o favorecimento à vícios de drogas e álcool, assim como alguns problemas a longo prazo.

CONSIDERAÇÕES

Com base nas vivências, pensando na intenção de refletir e promover mudanças significativas na educação dessas crianças, busca-se discutir sobre tais avanços tecnológicos de maneira que as novas gerações evidenciem de fato, suas reais necessidades e nos levem perceber um lugar de professor como promotor do pensamento e aprendizagem plural e global, visto que a escola, apesar de conectada, necessita de boas práticas mediadoras, dinâmicas e motivadoras para a aprendizagem de qualidade desses alunos, já inseridos na sociedade midiática.

Conclui-se que, o uso precoce e exagerado das telas é prejudicial às crianças, sendo que esses prejuízos podem acompanhar seu desenvolvimento, quebrando limites, mas também como um modelo adequado para a educação básica, o que para o professor é imprescindível continuar estudando e aperfeiçoando sua maneira de olhar o mundo e reconhecer que precise avançar no conhecimento tecnológico, afim de poder auxiliar o outro, de forma interativa e acessivelmente legal.

REFERÊNCIAS

BUCKINGHAM, David. **Cultura Digital, Educação Midiática e o Lugar da Escolarização**. Educação & Realidade. Real, Porto Alegre, 2010.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo. SP: Martins Fontes, 1989.

ARANTES, Maria do Carmo Batista; de MORAIS, Eduardo Alberto. **Exposição e uso de dispositivo de mídia na primeira infância**. Residência Pediátrica, Distrito Federal, p. 1-14, 2021.

BERLATO, Karen Cristina Gonçalves. **Recursos Tecnológicos na educação infantil: na visão de alguns educadores**. Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium, São Paulo. SP, 2016.

CRUZ, Patricia Maria Ferreira Amaral da. **Impacto da tecnologia em grupanálise com crianças e adolescentes**. Revista do NESME, v. 15, n. 2, p. 82-91, São Paulo. SP, 2018.

FARIA, Hugo de Castro; COSTA, Inês Pessoa; NETO, Ana Serrão. **Hábitos de utilização das novas tecnologias em crianças e jovens**. Gazeta Médica, Portugal, v. 5, n. 4, p. 270-276, out/dez. 2018.

FERNANDES, Claudia Mascarenhas; EISESTEIN, Evelyn; DA SILVA, Eduardo Jorge Custódio. **A criança de 0 a 3 anos e o mundo digital**. São Paulo. SP, 2018.

FERREIRA, Thais Gomes et al. **Mediação familiar no letramento digital de crianças de 0 a 5 anos: um estudo exploratório**. In: CONEDU, 4. Rio de Janeiro. RJ, 2016.

SILVA, Estela Rossetti Teixeira; BORTOLOZZI, Flávio; MILANI, Rute Grossi. **O brincar digital e uso das tecnologias na saúde da criança**. Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade, Naviraí, v. 6, n. 13, p. 125-138, jul./dez. Maringá. PR, 2019.

SANTOS, Ana Bela dos. **A presença das tecnologias no desenvolvimento das crianças**. Psicologia.pt, Paraná, 2018.

TOMÁS, Thalitta Karoline Espirandelli; CARVALHO, Celia Regina. **Crianças X Tecnologia: o que diz a pesquisa TIC kids online?** Perspectivas em diálogo: Revista de Educação e Sociedade, Naviraí, v. 7, n. 12, p. 245-273, Palhoça. SC, 2017.